# Intervenção do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa nos 113 anos da implantação da República

*5 de Outubro de 2023*

Senhor Presidente da República,

Senhor Presidente da Assembleia da República,

Senhor Primeiro-Ministro,

Senhora Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa,

Senhor Presidente da Junta de Santa Maria Maior,

Senhor Presidente do Supremo Tribunal de Justiça e Senhores Presidentes dos Tribunais Superiores,

Senhores membros do Governo,

Senhor Patriarca de Lisboa,

Senhor Presidente do Partido Social Democrata,

Senhores Presidentes dos Grupos Parlamentares,

Senhora Provedora de Justiça,

Senhores Chefes Militares,

Senhoras e Senhores Deputados,

Senhoras e Senhores Embaixadores,

Senhoras e Senhores Vereadores da Câmara Municipal de Lisboa,

Demais entidades,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Caras e caros Lisboetas,

113 anos.

113 anos passaram desde que a República foi proclamada, aqui em cima, nesta grande varanda da nossa história.

E mais uma vez encontramo-nos aqui, para mais uma celebração daquele 5 de outubro.

Mas o tempo passa. O tempo passa e com ele ficam estas datas.

Datas que se tornam símbolos:

E o que fazemos com esses símbolos é nossa responsabilidade.

Podemos fazer deles peças decorativas da nossa vida coletiva.

Podemos reduzi-los a meros ritos cerimoniais, repetitivos e rotineiros.

Fazer deles datas lembradas no papel, mas sentidas com apatia pelas pessoas.

Podemos fazer deste 5 de outubro mais uma data celebrada pelos políticos, mas de certa forma ignorada pelas pessoas.

Ou podemos olhar para ela como um tiro de partida para algo melhor.

Aproveito para anunciar que para além da data histórica do 25 de Abril festejaremos também com uma grande iniciativa o 25 de Novembro. Porque todas as datas contam.

Excelências,

Enquanto atores sociais temos uma responsabilidade ética, moral e social de não deixar que os portugueses se habituem a discursos políticos inconsequentes.

Discursos que por vezes parece que falam de um país imaginário onde não vivem as pessoas reais.

Um país que as pessoas não veem, não sentem, não vivem.

Como se fosse um país imaginário inacessível à maioria das pessoas, que contrasta com o país real.

É este o atual divórcio que todos sentem entre a política e as pessoas.

A política tem que voltar a ser vista, sentida e vivida pelas pessoas.

Mas entre este mundo imaginário e o mundo real das pessoas, o que é que há?

Há um vazio, capturado pelas minorias barulhentas e os ativismos radicais.

À falta de um ativismo social moderado que dê respostas concretas, é a estes que as pessoas se agarram.

E lembrem-se: a República de 1910 autodestruiu-se também por causa dessas minorias barulhentas e desses radicalismos.

O 5 de Outubro é por isso também uma lição histórica:

Quem fomenta esses radicalismos arrisca-se a colher, mais cedo ou mais tarde, a dissolução do regime.

Não queiramos nós hoje, que caminhamos para os 50 anos do 25 de Abril, contribuir para um desfecho assim.

Excelências,

Caras e caros portugueses,

Um bom herdeiro do espírito republicano e um grande português que faria em 2023 100 anos de vida, Eduardo Lourenço, lançou-nos uma vez um desafio:

O desafio *de* ***existirmos e nos vermos tais como somos***.

Vermo-nos tal como somos exige mais do que se pensaria.

Exige recusar imagens irreais e idílicas de nós mesmos.

Vermo-nos tal como somos implica assumir o país real.

O país dos que trabalham todos os dias, que lutam todos os dias, que fazem Portugal avançar.

São eles que dão sentido a este 5 de Outubro.

Mas não só a este 5 de Outubro. Dão sentido também ao outro 5 de Outubro: ao 5 de Outubro de 1143, à fundação de Portugal.

Porque foram estas pessoas que construíram o nosso país, nas pequenas e nas grandes coisas.

Foram elas que tantas vezes, desde há 880 anos, carregaram o país e deram a cara por ele.

Excelências,

Caras e caros portugueses,

Ver-nos tal como somos exige estar ao lado das pessoas.

Saber o que elas sentem. Ouvi-las, acompanhá-las, e dar-lhes respostas concretas.

Ver-nos tal como somos é olhar para os mais idosos.

Ver que muitos trabalharam e se esforçaram toda a vida que não se sentem justamente recompensados pelo que deram ao país.

Muitos até combateram por Portugal, e hoje sentem-se esquecidos e desprotegidos.

É ver aqueles que muitas vezes sofrem até o abandono e ao isolamento.

Aos mais idosos, quero dizer: sim, é possível sentirem-se recompensados pelo que deram ao país.

Os tempos não são fáceis, mas podem encontrar um apoio nos municípios. Nós estamos aqui para vos ajudar, para não vos deixar para trás.

O Senhor Primeiro-Ministro também o sabe: pode contar connosco para não deixar ninguém para trás.

Para garantir a todos os nossos idosos, por exemplo, o acesso a um médico.

Para construir um Estado Social Local que complemente o Estado Social Nacional.

É isso que estamos hoje a construir em Lisboa, com um plano de saúde para os mais idosos que lhes dá acesso a um médico 24h por dia.

Mas não só em Lisboa: também noutros municípios por todo o país se constrói este Estado Social Local.

Porque nós estamos aqui para quem mais precisa.

Estamos aqui para trabalhar em conjunto com o Estado central em prol das pessoas.

Porque queremos fazer, porque sabemos fazer. Basta que nos deixem fazer.

Portugueses,

Ver-nos tal como somos é olhar também para aqueles que trabalham.

Que fazem Portugal todos os dias com a sua dedicação, com o seu suor e com o brio que colocam em tudo o que fazem.

É ver que muitos destes portugueses pensam, com razão, que vivem sobrecarregados de impostos.

Que pagam demasiados impostos.

A eles, quero dizer: sim, é possível baixar os impostos.

Sim, é possível diminuir os obstáculos à vossa vida. É possível não trabalhar apenas para alimentar a máquina do Estado.

Todos temos de fazer este esforço: Estado central e autarquias.

Em Lisboa estamos a baixar os impostos há dois anos. E para o ano baixaremos mais um ponto percentual devolvendo aos Lisboetas 4,5% do seu IRS.

Gradualmente, mas com firmeza.

Contam connosco nesta missão. Nesta missão para assegurar a justiça para quem trabalha.

E ver-nos tal como somos é também olhar para os mais jovens.

Para as novas gerações que querem ser o futuro deste país.

Sei bem que os nossos jovens se sentem como uma geração adiada:

Adiada na sua autonomia. Adiada na sua esperança. Adiada nos seus sonhos.

Que são a geração que não consegue sair da casa dos pais.

Que são a geração que não está a conseguir construir família.

Que se sente mais valorizada fora do país.

Aos nossos jovens, quero-vos dizer: Não, não têm de adiar a vossa vida indefinidamente.

Não têm de procurar lá fora aquilo que não conseguem encontrar cá dentro.

Também eu saí. Também trabalhei fora durante muitos anos. Mas senti sempre que tinha de voltar. Que era meu dever voltar.

E temos de mostrar que é possível voltar, e só é possível voltar se criarmos emprego.

Se criarmos emprego para o talento que aqui desenvolvemos.

Em Lisboa estamos a criar esse emprego. Emprego virado para o futuro.

Desde que lançámos a Fábrica de Unicórnios,

Desde a sua criação 50 empresas da área tecnológica instalaram-se em Lisboa vindas de 22 países diferentes e anunciaram 7.500 postos de trabalho. Dessas 12 são unicórnios.

E Lisboa está na lista de 6 cidades finalistas para a Capital da Inovação da Europa.

E Lisboa aqui está, mais uma vez, pronta para impulsionar esta inovação no país.

Excelências,

Portugueses,

Somos isto mesmo, no bom e no mau.

Olhar para nós mesmos é reconhecer precisamente isso.

E é reconhecer também que podemos ser ainda mais.

Tudo isto é possível sem nos vermos obrigados a recorrer à falsa solução dos radicalismos.

Isto é possível com lideranças moderadas.

Porque o que é preciso hoje na política – em todo o mundo – é principalmente moderação, bom senso, pragmatismo e coragem para fazer.

São estes os ingredientes necessários não só para nos vermos tal como somos, mas também para construirmos o país a partir dessa realidade.

Precisamos da moderação e do bom senso que superam as diferenças partidárias.

Precisamos do pragmatismo para não nos deixarmos condicionar pelas subjetividades partidárias.

Precisamos da coragem para fazer para que as pessoas voltem a acreditar que os discursos políticos têm consequências práticas no seu dia-a-dia.

Excelências,

Muitas vezes diz-se que queremos e que estamos a virar a página.

Mas vira-se a página e acaba-se a escrever o mesmo que já se tinha escrito na página anterior.

Como se o futuro fosse sempre uma espécie de sombra do passado.

Tal como aquele grande patriota e republicano antes de haver República, Antero de Quental, cantou num dos seus sonetos:

*Assim passa a vida vagarosa:*

*O presente, a aspirar sempre ao futuro:*

*O futuro, uma sombra mentirosa.*

Para o futuro não ser essa sombra, lembremo-nos que virar a página é encontrar uma página nova, em branco.

Uma página em branco, pronta para que nela escrevamos algo de novo. De inovador. De inesperado.

É isso que as pessoas fazem tantas vezes nas suas vidas.

Foi isso que fizeram durante os 113 de República e os 880 anos de história nacional.

E hoje cabe aos políticos não se fecharem no mundo irreal, mas abrirem-se à realidade.

Uma nova página onde temos de escrever todos juntos e consigamos trabalhar acima da política,

Excelências,

Portugueses e Lisboetas,

É essa a lição do 5 de Outubro e da República: uma lição viva que é impulso para um futuro que não será sombra do passado.

Muito obrigado a todos.

Viva Lisboa!

Viva sempre, mas sempre, Portugal!